



## POEMAS

*Vladimir Mayakovsky*

(Geórgia, 1893 -1930)



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

## A blusa amarela

Do veludo de minha voz  
Umas calças pretas mandarei fazer.  
Farei uma blusa amarela  
De três metros de entardecer.  
E numa Nevski mundial com passo pachola  
Todo dia irei flunar qual D.Juan frajola.

Dexai a terra gritar amolengada de sono:  
“Vais violar as primaveras verdejantes!”  
Rio-me, petulante, e desafio o sol!  
“Golto de me pavonear pelo asfalto brilhante!”

Talvez seja porque o céu está tão celestial!  
E a terra engalanada tornou-se minha amante  
Que lhes ofereço versos alegres como um carnaval  
Agudos e necessários como um estilete pros dentes.

Mulheres que amais minha carcaça gigante  
E tu, que fraternalmente me olhas, donzela.  
Atirai vossos sorrisos ao poeta  
Que, como flores, eu os coserei  
À minha blusa amarela!

## A Esperança

*(Tradução de Haroldo de Campos)*

Injecta sangue  
    no meu coração,  
    enche-me até o bordo das veias!  
Mete-me no crânio pensamentos!  
Não vivi até o fim o meu bocado terrestre ,  
sobre a terra  
    não vivi o meu bocado de amor.  
Eu era gigante de porte,  
    mas para que este tamanho?  
Para tal trabalho basta uma polegada.  
Com um toco de pena, eu rabiscava papel,  
num canto do quarto, encolhido,  
como um par de óculos dobrado dentro do estojo.  
Mas tudo que quiserdes eu farei de graça:  
esfregar,  
    lavar,  
    escovar,  
    flanar,  
    montar guarda.  
Posso, se vos agradar,  
    servir-vos de porteiro.  
Há, entre vós, bastante porteiros?  
Eu era um tipo alegre,  
    mas que fazer da alegria,  
quando a dor é um rio sem vau?  
Em nossos dias,  
    se os dentes vos mostrarem  
não é senão para vos morder  
    ou dilacerar.  
O que quer que aconteça,  
    nas aflições,  
    pesar...  
Chamai-me!  
    Um sujeito engraçado pode ser útil.  
Eu vos proporei charadas, hipérboles  
    e alegorias,  
malabares dar-vos-ei  
    em versos.  
Eu amei...  
    mas é melhor não mexer nisso.  
Te sentes mal?

Tanto pior...  
Gosta-se, afinal, da própria dor.  
Vejamos... Amo também os bichos -  
vós os criais,  
em vossos parques?  
Pois, tomai-me para guarda dos bichos.  
Gosto deles.  
Basta-me ver um desses cães vadios,  
como aquele de junto à padaria,  
um verdadeiro vira-lata!  
e no entanto,  
por ele,  
arrancaria meu próprio fígado:  
Toma, querido, sem cerimónia, come!

## A flauta vertebrada

A todos vocês,  
que eu amei e que eu amo,  
ícones guardados num coração-caverna,  
como quem num banquete ergue a taça e celebra,  
repleto de versos levanto meu crânio.

Penso, mais de uma vez:  
seria melhor talvez  
pôr-me o ponto final de um balaço.  
Em todo caso  
eu  
hoje vou dar meu concerto de adeus.

Memória!  
Convoca aos salões do cérebro  
um renque inumerável de amadas.  
Verte o riso de pupila em pupila,  
veste a noite de núpcias passadas.  
De corpo a corpo verta a alegria.  
esta noite ficará na História.  
Hoje executarei meus versos  
na flauta de minhas próprias vértebras.

tradução:

*Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman*

## A nuvem de calças

(...)

Se quiserem,  
serei apenas carne louca  
e, como o céu, mudarei de tom,  
se quiserem,  
serei impecavelmente delicado,  
não serei homem, mas uma nuvem de calças !

Não acredito que haja uma Nice florida !  
Hoje de novo canto a glória  
dos homens que o pecado fez malignos  
e das mulheres gastas como um lugar comum.  
(...)

Maria ! Maria! Maria!  
Abre, Maria !  
Não me deixes na rua!  
Não queres ?  
Esperas  
que fique de face bichosa,  
provado por todas as mulheres,  
insípido,  
e venha  
e diga, sem dentes,  
que hoje  
“sou duma castidade espantosa”?

Maria,  
vês?,  
já começo a andar curvado.

Pelas ruas  
a gente sacode a banha de quatro papadas,  
esbugalha os olhos,  
gastos por quarenta anos de uso, -  
e troca sorrisos,  
porque eu levo nos dentes  
- outra vez! -  
os restos das carícias de ontem.

A chuva aborrecia os passeios,  
dos charcos compacto ladrão,

molhado, lambendo o cadáver lapidado da rua,  
e nas pestanas brancas,  
- sim! -  
nas pestanas de gelados carambanos,  
lágrimas dos olhos  
- sim! -  
dos olhos baixos dos algerozes.  
A chuva encharcando o rosto dos passantes,  
enquanto nas carruagens brilhavam nédios atletas:  
a gente rebentava  
de comer por todos os lados.  
e a banha saía-lhe dos poros.  
em túrbidos riachos escorria da carruagem  
junto com os restos das almôndegas  
dos velhos tempos.

Maria !  
Como havemos de fazer entrar nessa orelha sebosa uma palavra meiga?  
A ave  
vive de canções,  
canta,  
faminta e sonora,  
mas eu sou homem, Maria,  
simples,  
na suja mão de Présnaia cuspidor uma noite tísica.  
Maria, queres-me assim?  
Abre, Maria !  
Com os dedos crispados apertarei a garganta de ferro da campainha!

Maria !

Enfurecem-se os currais das ruas.  
No colo ferido os dedos cintos.

Abre!

Dói!

Vês? Tenho os olhos cheios  
de alfinetes de chapéus de mulher !

Abriu.

Querida!  
Não te assustes  
que no meu costado de louco  
haja sentadas mulheres de saias molhadas, -

é uma carga que levo comigo pela vida fora:  
milhões de amores puros e enormes  
e milhões de milhões de pequenos amores sujos.  
Não temas  
que de novo  
caia na infidelidade habitual,  
me atire a milhares de caras bonitas, -  
as amantes de Maiakovski  
são uma dinastia  
de rainhas entronizadas no coração de um louco.

Maria, anda cá!

Nua e sem pudor,  
ou com um tímido tremor,  
mas dá-me o encanto dos teus lábios que nunca murcharão:  
o meu coração nunca chegou a Maio,  
na vida vivida  
nunca passou de Abril.

Maria!  
O poeta canta sonetos a Tiana,  
e eu -  
todo de carne,  
todo humano -  
só peço o teu corpo  
como os cristãos pedem  
"o pão nosso de cada dia  
nos dai hoje".

Maria - dá!

Maria !  
Tenho medo de o teu nome esquecer,  
como teme olvidar o poeta  
a palavra  
nascida no martírio nocturno  
grande só como Deus.

Teu corpo  
cuidarei e amarei,  
como o soldado  
mutilado na guerra,  
inútil  
e sem dono,  
cuida da única perna.



Maria –  
não queres?  
Não queres?

Ah !

Quer dizer que de novo sombria e tristemente  
pegarei no coração,  
salpicado de lágrimas,  
e o levarei  
como um cão  
que para a casota  
arrasta  
a pata atropelada.

Com sangue do meu coração ficará manchado o caminho  
como com flores de fogo lançadas à poeira.  
Mil vezes bailará o Sol à volta da Terra  
como a filha de Herodes  
à volta da cabeça do Baptista.

E quando os meus anos  
bailem até ao fim –  
cobrir-se-á com milhões de gotas de sangue  
o caminho até à morada de meu pai.

Sairei então  
sujo (de dormir nas sargetas),  
e ponho-me a seu lado,  
inclino-me  
e digo-lhe ao ouvido:

- Escuta, senhor Deus !  
Como é que não te aborreces  
nessa gelatina de nuvens  
deitando água todos os dias dos teus olhos bondosos ?  
Sabes uma coisa ?  
Vamos construir um carrocel  
na árvore da sabedoria do Bem e do Mal.

Omnipresente, estarás em todos os armários,  
e pomos à mesa uns vinhos e tais  
que incitem a bailar  
o taciturno apóstolo S. Pedro.  
E de Ervas encheremos de novo o paraíso:  
uma palavra tua, -  
e esta mesma noite

pelas ruas juntarei  
as mais belas raparigas.

Queres?

Ou não queres?

Abanas a cabeça, cabeludo?  
Franzes as sobancelhas cãs?  
Achas  
que esse aí  
com asas, atrás de ti,  
sabe o que é o amor?

Eu também sou um anjo, fui  
como um cordeiro inocente,  
mas fartei-me de dar às éguas  
vasos feitos de sofrimento de Sévres.  
Todo-poderoso, tu, que inventaste estas mãos,  
que deste  
uma cabeça a cada um de nós,  
porque não decidiste  
que sem sofrer  
se pudesse beijar, beijar e abraçar?!

Julgava que eras um Deusão onnipotente,  
mas não passas de um Deusito um pouco desajeitado.  
Vês? Curvo-me  
e da bota  
tiro um punhal.  
Patifes alados!  
Agachai-vos no paraíso!  
Eriçai as plumas e tremei de medo!  
A Ti, que cheiras a incenso, cortarei  
daqui até ao Alasca!

Deixem-me!

Não me detenham!  
Certo  
ou errado  
não posso ficar calmo.

Olhem –  
decapitaram mais estrelas  
e ensanguentaram o céu como um matadouro!

Eh, tu!

Ó céu!  
Tira o chapéu!  
Que vou a passar eu!

Silêncio!

O Universo dorme  
com a enorme orelha  
cheia de estrelas  
sobre a pata.

(1915)

Trad. de Manuel de Seabra  
In *Obras de Maiakovski- Volume I*;  
Vento de Leste, 1979

## A plenos pulmões

Caros  
camaradas  
futuros!  
Revolvendo  
a merda fóssil  
de agora,  
pesquisando  
estes dias escuros,  
talvez  
perguntareis  
por mim.  
Ora,  
começará  
vosso homem de ciência,  
afagando os porquês  
num banho de sabença,  
conta-se  
que outrora  
um férvido cantor  
a água sem fervura  
combateu com fervor.  
Professor,  
jogue fora  
suas lentes de arame!  
A mim cabe falar  
de mim  
de minha era.  
Eu ? incinerador,  
eu ? sanitarista,  
a revolução  
me convoca e me alista.  
Troco pelo front  
a horticultura airosa  
da poesia ?  
fêmea caprichosa.  
Ela ajardina o jardim virgem  
vargem  
sombra  
alfombra.  
"É assim o jardim de jasmim,  
o jardim de jasmim do alfenim."  
Este verte versos feito regador,

aquele os baba,  
boca em babador, ?  
bonifrates encapelados,  
descabelados vates ?  
entendê-los,  
ao diabo!,  
quem há-de...  
Quarentena é inútil contra eles  
? mandolinam por detrás das paredes:  
"Ta-ran-tin, ta-ran-tin,  
ta-ran-ten-n-n..."  
Triste honra,  
se de tais rosas  
minha estátua se erigisse:  
na praça  
escarra a tuberculose;  
putas e rufiões  
numa ronda de sífilis.  
Também a mim  
a propaganda  
cansa,  
é tão fácil  
alinhar  
romanças, ?  
Mas eu  
me dominava  
entretanto  
e pisava  
a garganta do meu canto.  
Escutai,  
camaradas futuros,  
o agitador,  
o cáustico caudilho,  
o extintor  
dos melífluos enxurros:  
por cima  
dos opúsculos líricos,  
eu vos falo  
como um vivo aos vivos.  
Chego a vós,  
à Comuna distante,  
não como Iessiênin,  
guitarriarcaico.  
Mas através  
dos séculos em arco  
sobre os poetas  
e sobre os governantes.

Meu verso chegará,  
não como a seta  
lírico-amável,  
que persegue a caça.  
Nem como  
ao numismata  
a moeda gasta,  
nem como a luz  
das estrelas decrépitas.  
Meu verso  
com suor  
rompe a mole dos anos,  
e assoma  
a olho nu,  
palpável,  
bruto,  
como a nossos dias  
chega o aqueduto  
levantado  
por escravos romanos.  
No túmulo dos livros,  
versos como ossos,  
se estas estrofes de aço  
acaso descobrires,  
vós as respeitareis,  
como quem vê destroços  
de um arsenal antigo,  
mas terrível.  
Ao ouvido  
não diz  
blandícias  
minha voz;  
lóbulo de donzelas  
de cachos e bandós  
não faço enrubescer  
com lascivos rondós.  
Desdobro minhas páginas  
? tropas em parada,  
e passo em revista  
o front das palavras.  
Estrofes estacam  
chumbo-severas,  
prontas para o triunfo  
ou para a morte.  
Poemas-canhões, rígida coorte,  
apontando  
as maiúsculas

abertas.  
Ei-la,  
a cavalaria do sarcasmo,  
minha arma favorita,  
alerta para a luta.  
Rimas em riste,  
sofreando o entusiasmo,  
eriça  
suas lanças agudas.  
E todo  
este exército aguerrido,  
vinte anos de combates,  
não batido,  
eu vos dôo,  
proletários do planeta,  
cada folha  
até a última letra.  
O inimigo  
da colossal  
classe obreira,  
é também  
meu inimigo  
mortal.  
Anos  
de servidão e de miséria  
comandavam  
nossa bandeira vermelha.  
Nós abríamos Marx  
volume após volume,  
janelas  
de nossa casa  
abertas amplamente,  
mas ainda sem ler  
saberíamos o rumo!  
onde combater,  
de que lado,  
em que frente.  
Dialética,  
não aprendemos com Hegel.  
Invadiu-nos os versos  
ao fragor das batalhas,  
quando,  
sob o nosso projétil,  
debandava o burguês  
que antes nos debandara.  
Que essa viúva desolada,  
? glória ?

se arraste  
após os gênios,  
melancólica.  
Morre,  
meu verso,  
como um soldado  
anônimo  
na lufada do assalto.  
Cuspo  
sobre o bronze pesadíssimo,  
cuspo  
sobre o mármore viscoso.  
Partilhemos a glória, ?  
entre nós todos, ?  
o comum monumento:  
o socialismo,  
forjado  
na refrega  
e no fogo.  
Vindouros,  
varejai vossos léxicos:  
do Letes  
brotam letras como lixo ?  
"tuberculose",  
"bloqueio",  
"meretrício".  
Por vós,  
geração de saudáveis, ?  
um poeta,  
com a língua dos cartazes,  
lambeu  
os escarros da tísica.  
A cauda dos anos  
faz-me agora  
um monstro,  
antediluviano.  
Camarada vida,  
vamos,  
para diante,  
galopemos  
pelo quinquênio afora.  
Os versos  
para mim  
não deram rublos,  
nem mobílias  
de madeiras caras.  
Uma camisa



lavada e clara,  
e basta, ?  
para mim é tudo.  
Ao Comitê Central  
do futuro  
ofuscante,  
sobre a malta  
dos vates  
velhacos e falsários,  
apresento  
em lugar  
do registro partidário  
todos  
os cem tomos  
dos meus livros militantes.

## ***A propósito disto***

A Fé

Distendei vossa espera o quanto quiserdes -  
tão clara,

    duma clareza tão alucinante  
é minha visão

    que, dir-se-ia,  
bastava o tempo de liquidar esta rima,  
para, grimando ao longo do verso,  
    entrar numa vida maravilhosa.

Eu não preciso indagar  
    o que e como.

Vejo-o,  
    nítido,  
    até os último detalhes,

no ar,  
    camada sobre camada,  
como pedra sobre pedra.

Vejo erguer-se,  
    fulgurando no pináculo dos séculos,  
isento de podridões ou poeiras,  
    o laboratório das ressurreições humanas.

Eis o calmo químico,  
a vasta fronte  
franzida

    em meio à experiência .  
Num livro, “Toda a Terra”,  
    procura ele um nome.

“O Século Vinte...vejamos,  
a quem ressuscitar?

A Maiakóvski talvez...

    Não, busquemos matéria mais interessante!  
Não era bastante belo esse poeta”.

Será então minha vez de gritar  
    daqui mesmo,

    desta página de hoje:

“Pára, não folheies mais!

    É a mim que deves ressuscitar!”

*(Tradução de Augusto de Campos)*

## Adolescente

*(Tradução de Haroldo de Campos)*

A juventude de mil ocupações.  
Estudamos gramática até ficar zonzos.  
A mim  
me expulsaram do quinto ano  
e fui entupir os cárceres de Moscou.  
Em nosso pequeno mundo caseiro  
brotam pelos divãs  
poetas de melenas fartas.  
Que esperar desses líricos bichanos?  
Eu, no entanto,  
aprendi a amar no cárcere.  
Que vale comparado com isto  
a tristeza dos bosques de Boulogne?  
Que valem comparados com isto  
suspirosante a paisagem do mar?

Eu, pois,  
me enamorei da janelinha da cela 103  
da "oficina de pompas fúnebres".  
Há gente que vê o sol todos os dias  
e se enche de presunção.  
"Não valem muito esses raiozinhos"  
dizem.  
Eu, então,  
por um raiozinho de sol amarelo  
dançando em minha parede  
teria dado todo um mundo.

## Adultos

*(Tradução de Haroldo de Campos)*

Os adultos fazem negócios.  
Têm rublos nos bolsos.  
Quer amor? Pois não!  
Ei-lo por cem rublos!  
E eu, sem casa e sem tecto,  
com as mãos metidas nos bolsos rasgados,  
vagava assombrado.  
À noite  
vestis os melhores trajes  
e ides descansar sobre viúvas ou casadas.  
A mim  
Moscou me sufocava de abraços  
com seus infinitos anéis de praças.  
Nos corações, nos relógios  
bate o pêndulo dos amantes.  
Como se exaltam as duplas no leito do amor!  
Eu, que sou a Praça da Paixão, **(1)**  
surpreendo o pulsar selvagem  
do coração das capitais.  
Desabotoado, o coração quase de fora,  
abria-me ao sol e aos jactos d'água.  
Entraí com vossas paixões!  
Galgai-me com vossos amores!  
Doravante não sou mais dono de meu coração!  
Nos demais - eu sei,  
qualquer um o sabe -  
O coração tem domicílio  
no peito.  
Comigo  
a anatomia ficou louca.  
Sou todo coração -  
em todas as partes palpita.  
Oh! Quantas são as primaveras  
em vinte anos acesas nesta fornalha!  
Uma tal carga  
acumulada  
torna-se simplesmente insuportável.  
Insuportável  
não para o verso  
de veras.

*(1) Antiga praça de Moscou, actual Praça Púchkin.*

## Blusa fátua

Costurarei calças pretas  
com o veludo da minha garganta  
e uma blusa amarela com três metros de poente.  
pela Niévski do mundo, como criança grande,  
andarei, donjuan, com ar de dândi.

Que a terra gema em sua mole indolência:  
“Não viole o verde de as minhas primaveras!”  
Mostrando os dentes, rirei ao sol com insolência:  
“No asfalto liso hei de rolar as rimas veras!”

Não sei se é porque o céu é azul celeste  
e a terra, amante, me estende as mãos ardentes  
que eu faço versos alegres como marionetes  
e afiados e precisos como palitar dentes!

Fêmeas, gamadas em minha carne, e esta  
garota que me olha com amor de gêmea,  
cubram-me de sorrisos, que eu, poeta,  
com flores os bordarei na blusa cor de gema!

*(Tradução de Augusto de Campos)*

## Carta de Paris ao Camarada Kostróv sobre a Essência do Amor

Perdoe-  
    me,  
    camarada Kostróv,  
com sua habitual  
    largueza de vista,  
se eu desperdiço  
    as minhas estrofes  
de Paris  
    em lírica imprevista.  
Imagine:  
    uma beleza  
    entra na sala  
vestindo  
    peles e adereços.  
A essa  
    bela presa  
    a minha fala  
(não sei se  
    bem ou mal)  
    eu endereço:  
Sou russo,  
    camarada,  
e sou famoso em meu país.  
Já tive muitas namoradas  
bonitas  
    - todas as que eu quis.  
As mulheres  
    amam os poetas.  
Sou vivo,  
    minha voz é de bom timbre.  
Tonteio como éter.  
Basta  
    Ouvir-me  
Não me fisgam  
    com armas  
    sem valor.  
Não caio  
    por qualquer charme.  
Eu fui  
    para sempre

ferido pelo amor -  
mal e mal  
posso arrastar-me.  
Não meço  
o amor  
pelo matrimônio.  
Deixou de amar -  
passe bem!  
Para mim,  
camarada,  
as cerimônias  
valem  
menos que um vintém.  
Para que ficar falando?  
Deixe de onda,  
formosura,  
eu não tenho mais vinte anos,  
mas trinta...  
e outros tantos  
fora da conta.  
O amor  
não está  
em ferver bruscamente,  
nem está  
em acender uma fogueira,  
mas no que há  
por trás  
das montanhas do peito  
e acima  
da jangal-cabeleira.  
Amar  
é ir ao fundo  
do cercado  
e até que a noite  
- corvo negro -  
chegue  
cortar lenha  
com chispas  
no machado  
e a nossa própria força  
pôr em xeque.  
Amar  
é desfazer-se dos lençóis  
que a insônia desarruma  
e com ciúmes  
de Copérnico,  
a ele,

não o marido  
da Maria dos Anzóis,  
considerar rival eterno.  
O amor

não é  
paraíso nem geena.

Para nós  
o amor  
é o atestado

de que  
outra vez  
se engrena

o coração –  
motor enferrujado.

Você  
rompeu o fio  
com Moscou.

Os anos  
criam  
distâncias.

Como  
explicar o que passou  
assim de relance?

Na terra  
há luzes - até o céu ...

No céu azul  
estrelas  
a granel.

Se eu  
não fosse poeta  
seria astrônomo  
por certo.

A praça já se apinha.  
Os coches rodam.

Eu passo  
anotando linhas  
No meu livro de notas.

Correm  
os carros  
rente,  
mas não me atropelam.

Entendem,  
de repente:

Está em êxtase  
por ela.

Sonhos,  
visões,



excursos  
enchem-no  
até os ossos.  
Aqui  
até os ursos  
ganhariam asas.  
E agora,  
quando acabo de fervê-las,  
num restaurante barato,  
as palavras  
soletram das letras  
às estrelas  
um cometa dourado.  
Deixando  
pelo céu  
um longo rastro,  
brilha  
a plumagem do cometa,  
para que os namorados  
vejam os astros  
de seus quiosques  
de violetas.  
Para acordar  
e atrair  
o apreço  
desses  
a que a visão já falha.  
Para cortar  
aos inimigos  
a cabeça  
com a longa cauda  
luminosa  
navalha.  
Ouço  
em meu peito  
até o último pulsar  
como se o estivesse  
esperando  
para um encontro:  
o amor  
a ressoar  
simples e humano.  
O furacão,  
o fogo,  
o mar  
vêm vindo

furiosamente.  
Quem  
os pode  
domar?  
Você pode?  
Experimente...

In *Antologia Poética*,  
Tradução: E. Carrera Guerra, SP, 1983

## Clamo

*(Tradução de Haroldo de Campos)*

Levantei-me como um atleta,  
levei-o como um acrobata,  
como se levam os candidatos ao comício,  
como nas aldeias se toca a rebate  
nos dias de incêndio.

Clamava:

“Aqui está, aqui! Tomai-o!”

Quando este corpanzil se punha a uivar,  
as donas  
disparando

pelo pó, pelo barro ou pela neve,  
como um foguete fugiam de mim.

- “Para nós, algo um tanto menor,  
algo assim como um tango...”

Não posso levá-lo  
e carrego meu fardo.

Quero arremessá-lo fora  
e sei, não o farei.

Os arcos de minhas costelas não resistem.

Sob a pressão  
range a caixa torácica.

## E então, que quereis?...

Fiz ranger as folhas de jornal  
abrindo-lhes as pálpebras piscantes.  
E logo  
de cada fronteira distante  
subiu um cheiro de pólvora  
perseguido-me até em casa.  
Nestes últimos vinte anos  
nada de novo há  
no rugir das tempestades.

Não estamos alegres,  
é certo,  
mas também por que razão  
haveríamos de ficar tristes?

O mar da história é agitado.  
As ameaças  
e as guerras  
havemos de atravessá-las,  
rompê-las ao meio,  
cortando-as  
como uma quilha corta  
as ondas.

(1927)

Tradução: E. Carrera Guerra

In *Maiakóvski – Antologia Poética*,  
Editora Max Limonad, 1987

## Em lugar de uma carta

*Tradução de Augusto de Campos*

Fumo de tabaco rói o ar.  
O quarto –  
um capítulo do inferno de Krutchônikh (1).  
Recorda –  
atrás desta janela  
pela primeira vez  
apertei tuas mãos, atônito.  
Hoje te sentas,  
no coração – aço.  
Um dia mais  
e me expulsarás,  
talvez, com zanga.  
No teu hall escuro longamente o braço,  
trêmulo, se recusa a entrar na manga.  
Sairei correndo,  
lançarei meu corpo à rua.  
Transtornado,  
tornado  
louco pelo desespero.  
Não o consintas,  
meu amor,  
meu bem,  
digamos até logo agora.  
De qualquer forma  
o meu amor  
– duro fardo por certo –  
pesará sobre ti

onde quer que te encontres.  
Deixa que o fel da mágoa ressentida  
num último grito estronde.  
Quando um boi está morto de trabalho  
ele se vai  
e se deita na água fria.  
Afora o teu amor  
para mim  
não há mar,  
e a dor do teu amor nem a lágrima alivia.  
Quando o elefante cansado quer repouso  
ele jaz como um rei na areia ardente.  
Afora o teu amor

para mim  
não há sol,  
e eu não sei onde estás e com quem.  
Se ela assim torturasse um poeta,  
ele  
trocaria sua amada por dinheiro e glória,  
mas a mim  
nenhum som me importa  
afora o som do teu nome que eu adoro.  
E não me lançarei no abismo,  
e não beberei veneno,  
e não poderei apertar na têmpera o gatilho.  
Afora  
o teu olhar  
nenhuma lâmina me atrai com seu brilho.  
Amanhã esquecerás  
que eu te pus num pedestal,  
que incendiei de amor uma alma livre,  
e os dias vãos – rodopiante carnaval –  
dispersarão as folhas dos meus livros...  
Acaso as folhas secas destes versos  
far-te-ão parar,  
respiração opressa?

Deixa-me ao menos arrelvar numa última carícia teu passo que se apressa.

*1- Alusão ao poema "Um Jogo no Inferno", de A. Krutchônikh e V. Khliébnikov.*

*26 de maio de 1916, Petrogrado*

## Escárnios

Desatarei a fantasia em cauda de pavão num ciclo de matizes, entregarei a alma  
ao poder do enxame das rimas imprevistas.

Ânsia de ouvir de novo como me calarão das colunas das revistas esses que sob  
a árvore nutriz escavam com seus focinhos as raízes.

*(Tradução de Augusto de Campos e Boris Schnaiderman)*

## Estrela

Escutai! Se as estrelas se acendem  
será por que alguém precisa delas?  
Por que alguém as quer lá em cima?  
Será que alguém por elas clama,  
por essas cuspidelas de pérolas?  
Ei-lo aqui, pois, sufocado, ao meio-dia,  
no coração dos turbilhões de poeira;  
ei-lo, pois, que corre para o bom Deus,  
temendo chegar atrasado,  
e que lhe beija chorando  
a mão fibrosa.

Implora! Precisa absolutamente  
duma estrela lá no alto!

Jura! Que não poderia mais suportar  
essa tortura de um céu sem estrelas!

Depois vai-se embora,  
atormetado, mas bancando o gaiato  
e diz a alguém que passa:  
"Muito bem! Assim está melhor agora, não é?  
Não tens mais medo, hein?"

Escutai, pois! Se as estrelas se acendem  
é porque alguém precisa delas.  
É porque, em verdade, é indispensável  
que sobre todos os tetos, cada noite,  
uma única estrela, pelo menos, se alumie.

In *Antologia Poética*,  
Tradução: E. Carrera Guerra, SP, 1983

**Eu**

(Tradução de Augusto de Campos)

Eu  
à poesia  
só permito uma forma:  
concisão,  
precisão das fórmulas  
matemáticas.  
Às parlengas poéticas estou acostumado,  
eu ainda falo versos e não fatos.  
Porém  
se eu falo  
“A”  
este “a”  
é uma trombeta-alarma para a Humanidade.  
Se eu falo  
“B”  
é uma nova bomba na batalha do homem.

*De “V Internacional”*



**Eu**

Nas calçadas pisadas  
de minha alma  
passadas de loucos estalam  
calcâneo de frases ásperas  
Onde  
forças  
esganam cidades  
e em nós de nuvens coagulam  
pescoço de torres  
oblíquas  
só  
soluçando eu avanço por vias que se encruz-  
ilham  
à vista  
de cruci-  
fixos  
  
polícias

*(Tradução de Haroldo de Campos)*

## Fragmentos

1

Me quer? Não me quer? As mãos torcidas  
os dedos  
despedaçados um a um extraio  
assim tira a sorte enquanto  
no ar de maio  
caem as pétalas das margaridas  
Que a tesoura e a navalha revelem as cãs e  
que a prata dos anos tinja seu perdão  
penso  
e espero que eu jamais alcance  
a impudente idade do bom senso

2

Passa da uma  
você deve estar na cama  
Você talvez  
sinta o mesmo no seu quarto  
Não tenho pressa  
Para que acordar-te  
com o  
relâmpago  
de mais um telegrama

3

O mar se vai  
o mar de sono se esvai  
Como se diz: o caso está enterrado  
a canoa do amor se quebrou no quotidiano  
Estamos quites  
Inútil o apanhado  
da mútua dor mútua quota de dano

4

Passa de uma você deve estar na cama  
À noite a Via Láctea é um Oka de prata  
Não tenho pressa para que acordar-te  
com relâmpago de mais um telegrama  
como se diz o caso está enterrado  
a canoa do amor se quebrou no quotidiano

Estamos quites inútil o apanhado  
da mútua do mútua quota de dano  
Vê como tudo agora emudeceu  
Que tributo de estrelas a noite impôs ao céu  
em horas como esta eu me ergo e converso  
com os séculos a história do universo

5

Sei o puldo das palavras a sirene das palavras  
Não as que se aplaudem do alto dos teatros  
Mas as que arrancam caixões da treva  
e os põem a caminhar quadrúpedes de cedro  
Às vezes as relegam inauditas inéditas  
Mas a palavra galopa com a cilha tensa  
ressoa os séculos e os trens rastejam  
para lambar as mãos calosas da poesia  
Sei o pulso das palavras parecem fumaça  
Pétalas caídas sob o calcanhar da dança  
Mas o homem com lábios alma carcaça.

*(Tradução de Augusto de Campos)*

## Garoto

*(Tradução de Haroldo de Campos)*

Fui agraciado com o amor sem limites.  
Mas, quando garoto,  
a gente preocupada trabalhava  
e eu escapava  
para as margens do rio Rion  
e vagava sem fazer nada.  
Aborrecia-se minha mãe:  
"Garoto danado!"  
Meu pai me ameaçava com o cinturão.  
Mas eu, com três rublos falsos,  
jogava com os soldados sob os muros.  
Sem o peso da camisa,  
sem o peso das botas,  
de costas ou de barriga no chão,  
torrava-me ao sol de Kutaís  
até sentir pontadas no coração.

O sol assombrava:  
"Daquele tamaninho  
e com um tal coração!  
Vai partir-lhe a espinha!  
Como, será que cabem  
nesse tico de gente  
o rio,  
o coração,  
eu  
e cem quilómetros de montanhas?"

## Hino ao Crítico

Da paixão de um cocheiro e de uma lavadeira  
Tagarela, nasceu um rebento raquítico.  
Filho não é bagulho, não se atira na lixeira.  
A mãe chorou e o batizou: crítico.

O pai, recordando sua progeneritura,  
Vivia a contestar os maternais direitos.  
Com tais boas maneiras e tal compostura  
Defendia o menino do pendor à sarjeta.

Assim como o vigia cantava a cozinheira,  
A mãe cantava, a lavar calça e calção.  
Dela o garoto herdou o cheiro da sujeira  
E a arte de penetrar fácil e sem sabão.

Quando cresceu, do tamanho de um bastão,  
Sardas na cara como um prato de cogumelos,  
Lançaram-no, com um leve golpe de joelho,  
À rua, para tornar-se um cidadão.

Será preciso muito para ele sair da fralda?  
Um pedaço de pano, calças e um embornal.  
Com o nariz grácil como um vintém por lauda  
Ele cheirou o céu afável do jornal.

E em certa propriedade um certo magnata  
Ouvira uma batida suavíssima na aldrava,  
E logo o crítico, da teta das palavras  
Ordenhou as calças, o pão e uma gravata.

Já vestido e calçado, é fácil fazer pouco  
Dos jogos rebuscados dos jovens que pesquisam,  
E pensar: quando a estes, ao menos, é preciso  
Mordiscar-lhes de leve os tornozelos loucos.

Mas se infiltra na rede jornalística  
Algo sobre a grandeza de Púchkin ou Dante,  
Parece que apodrece ante a nossa vista  
Um enorme lacaio, balofo e bajulante.

Quando, por fim, no jubileu do centenário,  
Acordares em meio ao fumo funerário,  
Verás brilhar na cigarreira-souvenir o

Seu nome em caixa alta, mais alvo do que um lírio.

Escritores, há muitos. Juntem um milhar.  
E ergamos em Nice um asilo para os críticos.  
Vocês pensam que é mole viver a enxaguar  
A nossa roupa branca nos artigos.

In *Antologia Poética*,  
Tradução: E. Carrera Guerra, SP, 1983

## Impossível

*(Tradução de Haroldo de Campos)*

Sozinho não posso  
carregar um piano  
e menos ainda um cofre-forte.  
Como poderia então  
retomar de ti meu coração  
e carregá-lo de volta?  
Os banqueiros dizem com razão:  
“Quando nos faltam bolsos,  
nós que somos muitíssimo ricos,  
guardamos o dinheiro no banco”.  
Em ti  
depositei meu amor,  
tesouro encerrado em caixa de ferro,  
e ando por aí  
como um Crespo contente.  
É natural, pois,  
quando me dá vontade,  
que eu retire um sorriso,  
a metade de um sorriso  
ou menos até  
e indo com as donas  
eu gaste depois da meia-noite  
uns quantos rublos de lirismo à toa.

## Incompreensíveis para as massas

Entre escritor  
e leitor  
posta-se o intermediário,  
e o gosto  
do intermediário  
é bastante intermédio.

Medíocre  
mesnada  
de medianeiros médios  
pulula  
na crítica  
e nos hebdomadários.  
Aonde  
galopando  
chega teu pensamento,  
um deles  
considera tudo  
sonolento:  
- Sou homem  
de outra têmpera! Perdão,  
lembra-me agora  
um verso  
de Nadson...  
O operário  
Não tolera  
linhas breves.  
E com tal  
mediador  
ainda se entende Assiéiev  
Sinais de pontuação?  
São marcas de nascença!  
O senhor  
corta os versos  
toma muitas licenças.  
Továrich Maiacóvski,  
porque não escreve iambos?  
Vinte copeques  
por linha  
eu lhe garanto, a mais.  
E narra  
não sei quantas



lendas medievais,  
e fala quatro horas  
longas como anos.  
O mestre lamentável  
repete  
um só refrão:  
- Camponês  
e operário  
não vos compreenderão.  
O peso da consciência  
pulveriza  
o autor.  
Mas voltemos agora  
ao conspícuo censor:  
Campones só viu  
há tempo  
antes da guerra,  
na datcha,  
ao comprar  
mocotós de vitela.  
Operários?  
Viu menos.  
Deu com dois  
uma vez  
por ocasião da cheia,  
dois pontos  
numa ponte  
contemplando o terreno,  
vendo a água subir  
e a fusão das geleiras.  
Em muitos milhões  
para servir de lastro  
colheu dois exemplares  
o nosso critícastro.  
Isto não lhe faz massa -  
é tudo a mesma massa...  
Gente - de carne e osso!!  
E à hora do chá  
expende  
sua sentença:  
- A classe  
operária?  
Conheço-a como a palma!  
Por trás  
do seu silêncio,  
posso ler-lhe na alma -  
Nem dor

nem decadência.  
Que autores  
então  
há de ler essa classe?  
Só Gógol,  
só os clássicos.  
Camponeses?  
Também.  
O quadro não se altera.  
Lembra-me e agora -  
a datcha, a primavera...  
Este palrar  
de literatos  
muitas vezes passa  
entre nós  
por convívio com a massa.  
E impige  
modelos  
pré-revolucionários  
da arte do pincel,  
do cinzel,  
do vocábulo.  
E para a massa  
flutuam  
dádivas de letrados -  
lírios,  
delírios,  
trinos dulcificados.  
Aos pávidos  
poetas  
aqui vai meu aparte:  
Chega  
de chuchotar  
versos para os pobres.  
A classe condutora,  
também ela pode  
compreender a arte.  
Logo:  
que se eleve  
a cultura do povo!  
Uma só,  
para todos.  
O livro bom  
é claro  
e necessário  
a vós,  
a mim,

ao camponês  
e ao operário.

In *Antologia Poética*,  
Tradução: E. Carrera Guerra, SP, 1983

## Lilitchka!

Lilitchka! (em lugar de uma carta)  
Fumo de tabaco rói o ar.  
O quarto -  
um capítulo do inferno de Krutchónikh.  
Recorda -  
atrás desta janela  
pela primeira vez  
apertei tuas mãos, atónito.  
Hoje te sentas,  
no coração - além.  
Um dia mais  
e me expulsarás,  
talvez com zanga.  
No teu "hall" escuro longamente o braço,  
trémulo, se recusa a entrar na manga.  
Sairei correndo,  
lançarei meu corpo à rua.  
Transtornado,  
tornado  
louco pelo desespero.  
Não o consintas,  
meu amor,  
meu bem,  
digamos até logo agora.  
De qualquer forma  
o meu amor  
- duro fardo por certo -  
pesará sobre ti  
onde quer que te encontres.  
Deixa que o fel da mágoa ressentida  
num último grito estronde.  
Quando um boi está morto de trabalho  
ele se vai  
e se deita na água fria.  
Afora o teu amor  
para mim  
não há mar,  
e a dor do teu amor nem a lágrima alivia.  
Quando o elefante cansado quer repouso  
ele jaz como um rei na areia ardente.  
Afora o teu amor  
para mim  
não há sol,

e eu não sei onde estás e com quem.  
Se ela assim torturasse um poeta,  
ele  
trocaria sua amada por dinheiro e glória,  
mas a mim  
nenhum som me importa  
afora o som do teu nome que eu adoro.  
E não me lançarei no abismo,  
e não beberei veneno,  
e não poderei apertar na têmpora o gatilho.  
Afora  
o teu olhar  
nenhuma lâmina me atrai com seu brilho.  
Amanhã esquecerás  
que eu te pus num pedestal,  
que incendiei de amor uma alma livre,  
e os dias vãos - rodopiante carnaval -  
dispersarão as folhas dos meus livros...  
Acaso as folhas secas destes versos  
far-te-ão parar,  
respiração opressa?

Deixa-me ao menos  
arrelvar numa última carícia  
teu passo que se apressa.

## Meu melhor verso

O auditório arremessa  
suas perguntas ferinas,  
insiste num desafio de papeletas:  
“Camarada Maiakóvski,  
leia seu melhor verso”.  
Enquanto penso  
talvez ler-lhes este  
apanhado sobre a mesa  
ou talvez aquele outro;  
enquanto revejo  
meu velho arsenal poético  
e, muda, a sala espera,  
o secretário do O Operário do Norte  
lentamente  
a meu ouvido  
disse...  
E eu gritei, saindo do tom poético,  
mais alto do que as trombetas de Jericó:  
“Camaradas:  
Os trabalhadores  
e as tropas de Cantão  
tomaram Xangai!”  
Como se amassassem o aplauso  
com a palma das mãos  
crescia a ovação,  
crescia em força.  
Cinco,  
dez,  
quinze minutos,  
o salão aplaudia.  
Parecia que a tormenta  
cobria léguas e léguas  
em resposta a todas as notas chamberlênicas  
e rodava até chegar à China,  
afastando os torpedeiros de Xangai.  
Não comparo  
a melhor geléia poética,  
qualquer das maiores glórias poéticas,  
com a simples notícia de jornal,  
se a esta  
nosso auditório aplaude.

Haverá por acaso  
liga de maior força  
que a solidariedade  
da colmeia operária?  
Aplauda,  
    obreiro têxtil,  
aos desconhecidos  
    e queridos  
coolies da China!

*(Tradução de Emilio Carrera Guerra)*

## Minha Universidade

*(Tradução de Haroldo de Campos)*

Conheceis o francês  
sabeis dividir,  
multiplicar,  
declinar com perfeição.  
Pois, declinai!  
Mas sabeis por acaso  
cantar em dueto com os edifícios?  
Entendeis por acaso  
a linguagem dos bondes?  
O pintainho humano  
mal abandona a casca  
atraca-se aos livros  
e as resmas de cadernos.  
Eu aprendi o alfabeto nos letreiros  
folheando páginas de estanho e ferro.  
Os professores tomam a terra  
e a descarnam  
e a descascam  
para afinal ensinar: "Toda ela não passa dum globinho!"  
Eu com os costados aprendi geografia.  
Os historiadores levantam  
a angustiante questão:  
- Era ou não roxa a barba de Barba Roxa?  
Que me importa!  
Não costumo remexer o pó dessas velharias!  
Mas das ruas de Moscou  
conheço todas as histórias.  
Uma vez instruídos,  
há os que se propõem a agradar às damas,  
fazendo soar no crânio suas poucas ideias,  
como pobres moedas numa caixa de pau.  
Eu, somente com os edifícios, conversava.  
Somente os canos d'água me respondiam.  
Os tectos como orelhas espichando  
suas lucarnas atentas  
aguardavam as palavras  
que eu lhes deitaria.  
Depois  
noite a dentro  
uns com os outros  
palravam  
girando suas línguas de catavento.



## Nacos de Nuvem

No céu flutuavam trapos  
de nuvem - quatro farrapos

do primeiro ao terceiro - gente  
o quarto - um camelo errante.

A ele, levado pelo instinto,  
no caminho junta-se um quinto.

Do seio azul do céu, pé-ante-  
pé, se desgarra um elefante.

Um sexto salta - parece.  
Susto: o grupo desaparece.

E em seu rasto agora se estafa  
o sol - amarela girafa.

1917- 1918

*(Tradução Augusto de Campos)*

## Não acabarão nunca com o amor

Não acabarão nunca com o amor,  
nem as rugas,  
nem a distância.  
Está provado,  
pensado,  
verificado.  
Aqui levanto solene  
minha estrofe de mil dedos  
e faço juramento:  
Amo  
firme,  
fiel  
e verdadeiramente.

## O amor

*(Tradução de Haroldo de Campos)*

Um dia, quem sabe,  
ela, que também gostava de bichos,  
apareça  
    numa alameda do zoo,  
sorridente,  
    tal como agora está  
    no retrato sobre a mesa.  
Ela é tão bela,  
    que, por certo, hão de ressuscitá-la.  
Vosso Trigésimo Século  
ultrapassará o exame  
de mil nada,  
    que dilaceravam o coração.  
Então,  
    de todo amor não terminado  
seremos pagos  
    em enumeráveis noites de estrelas.  
Ressuscita-me,  
nem que seja só porque te esperava  
    como um poeta,  
repelindo o absurdo quotidiano!  
Ressuscita-me,  
    nem que seja só por isso!

Ressuscita-me!

Quero viver até o fim o que me cabe!

Para que o amor não seja mais escravo  
de casamentos,  
concupiscência,  
salários.

Para que, maldizendo os leitos,  
saltando dos coxins,  
o amor se vá pelo universo inteiro.

Para que o dia,  
que o sofrimento degrada,  
não vos seja chorado, mendigado.

E que, ao primeiro apelo:

- Camaradas!

Atenta se volte a terra inteira.

Para viver  
livre dos nichos das casa.

Para que  
doravante

a família  
seja

o pai,  
pelo menos o Universo;

a mãe,  
pelo menos a Terra.

(1923)

## O poeta pede ao seu amor que lhe escreva

Amor de minhas entranhas, morte viva,  
em vão espero tua palavra escrita  
e penso, com a flor que se murcha,  
que se vivo sem mim quero perder-te.

O ar é imortal. A pedra inerte  
nem conhece a sombra nem a evita.  
Coração interior não necessita  
o mel gelado que a lua verte.

Porém eu te sofri. Rasguei-me as veias,  
tigre e pomba, sobre tua cintura  
em duelo de kordiscos e açucenas.

Enche, pois, de palavras minha loucura  
ou deixa-me viver em minha serena  
noite da alma para sempre escura.

tradução:

*William Angel de Melo*

## O poeta-operário

Grita-se ao poeta:  
"Queria te ver numa fábrica!  
O que? Versos? Pura bobagem".  
Talvez ninguém como nós  
ponha tanto coração  
no trabalho.  
Eu sou uma fábrica.  
E se chaminés  
me faltam  
talvez seja preciso  
ainda mais coragem.  
Sei.

Frases vazias não agradam.

Quando serraís madeira  
é para fazer lenha.  
E nós que somos  
senão entalhadores a esculpir  
a tora da cabeça humana?

Certamente que a pesca é coisa respeitável.

Atira-se a rede e quem sabe?  
Pega-se um esturjão!  
Mas o trabalho do poeta  
é muito mais difícil.

Pescamos gente viva e não peixes.

Penoso é trabalhar nos altos-fornos  
onde se tempera o ferro em brasa.

Mas pode alguém  
acusar-nos de ociosos?

Nós polimos as almas  
com a lixa do verso.  
Quem vale mais:  
o poeta ou o técnico  
que produz comodidades?

Ambos!

Os corações também são motores.

A alma é poderosa força motriz.

Somos iguais.

Camaradas dentro da massa operária.  
Proletários do corpo e do espírito.  
Somente unidos,  
somente juntos remoçaremos o mundo,  
fá-lo-emos marchar num ritmo célere.

Diante da vaga de palavras  
levantemos um dique!  
Mãos à obra!

O trabalho é vivo e novo!

Com os oradores vazios, fora!

Moinho com eles!

Com a água de seus discursos  
que façam mover-se a mó!

O que aconteceu comigo  
(Tradução de Haroldo de Campos)

As esquadras acodem ao porto.  
O trem corre para as estações.  
Eu, mais depressa ainda,  
vou a ti,  
atraído, arrebatado,  
pois que te amo.  
Assim como se apeia  
o avarento cavaleiro de Púchkin  
alegre por encafuar-se em seu sótão,  
assim eu  
regresso a ti, amada,  
com o coração encantado de mim.  
Ficais contentes de retornar à casa.  
Ali vos livrais da sujeira,  
raspando-vos, lavando-vos,  
fazendo a barba.  
Assim retorno eu a ti.  
Por acaso,  
indo a ti não volto à minha casa?  
Gente terrena ao seio da terra volta.  
Sempre volvemos à nossa meta final.  
Assim eu,  
em tua direção me inclino  
apenas nos separamos  
mal acabamos de nos ver.

## O que aconteceu

*(Tradução de Haroldo de Campos)*

Mais do que é permitido,  
mais do que é preciso,  
como um delírio de poeta  
sobrecarregando o sonho:  
a pelota do coração tornou-se enorme,  
enorme o amor,  
enorme o ódio.  
Sob o fardo,  
as pernas vão vacilantes.  
Tu o sabes,  
sou bem fornido,  
entretanto me arrasto,  
apêndice do coração,  
vergando as espáduas gigantes.  
Encho-me dum leite de versos  
e, sem poder transbordas,  
encho-me mais e mais.



## Ordem do dia aos exércitos da arte

A brigada dos velhos repete sem cansar-se.  
A cantilena é sempre igual:  
Camarada  
Para as barricadas!  
E eu digo:  
Barricadas da alma e do coração.  
E eu digo:  
Somente é comunista verdadeiro  
quem destrói as pontes da retirada.  
Basta de marchas futuristas  
ou de saltos no futuro.  
Construir um trem é pouco.  
Se a canção rebelde não levanta os povos  
de que serve a mudança de marcha?  
Ajuntai os sons uns aos outros  
e prossegui  
cantando e assobiando  
Há entretanto lindas letras  
U  
R  
S  
S  
É pouco para fabricar um par de botinas  
ou coser os galões às calças.  
Os deputados não movimentarão os exércitos  
se os músicos não abrirem a marcha.  
.....  
Basta de verdades baratas.  
Arrancai o ranço do coração!  
As ruas são nossos pincéis  
e paletas as nossas praças.  
No livro do tempo  
ainda não foram cantadas  
as mil páginas da revolução.  
Para a rua, futuristas,  
tambores e poetas!

*(Tradução de Sérgio Millet )*

## Poema póstumo

Duas horas em breve.  
Estás deitada, talvez.  
Na noite,  
como um Oka de prata  
a Via Láctea corre.  
O tempo é meu, e os relâmpagos  
que eram meus telegramas,  
não mais te virão  
despertar,  
atormentar.  
Como se diz: encerra-se o incidente.  
A canoa do amor  
foi-se quebrar de encontro ao quotidiano.

Eis-me quite contigo.  
E é inútil o passar em revista  
penas,  
azares,  
e recíprocas feridas.  
Vê,  
que paz no universo.  
A noite  
impôs ao céu  
a servidão de tantas  
tantas estrelas.  
Chegou a hora  
em que a gente se ergue e em que fala  
aos séculos,  
à História,  
ao universo...

*(tradução de Carlos Grifo)*  
*(in «Autobiografia e poemas»*  
*Colecção Forma, Editorial Presença, 1973)*

**Tu**

*(Tradução de Haroldo de Campos)*

Entraste.

A sério, olhaste

a estatura,

o bramido

e simplesmente adivinhaste:

uma criança.

Tomaste,

arrancaste-me o coração

e simplesmente foste com ele jogar

como uma menina com sua bola.

E todas,

como se vissem um milagre,

senhoras e senhorias exclamaram:

- A esse amá-lo?

Se se atira em cima,

derruba a gente!

Ela, com certeza, é domadora!

Por certo, saiu duma jaula!

E eu júbilo

esqueci o julgo.

Louco de alegria

saltava

como em casamento de índio,

tão leve, tão bem me sentia.

## Um dia, quem sabe

Um dia, quem sabe,  
ela, que também gostava de bichos,  
apareça  
numa alameda do zoo,  
sorridente,  
tal como agora está  
no retrato sobre a mesa.  
Ela é tão bela,  
que, por certo, hão de ressuscitá-la.  
Vosso Trigésimo Século  
ultrapassará o exame  
de mil nadas,  
que dilaceravam o coração.  
Então,  
de todo amor não terminado  
seremos pagos  
em inumeráveis noites de estrelas.  
Ressuscita-me,  
nem que seja só porque te esperava  
como um poeta,  
repelindo o absurdo quotidiano!  
Ressuscita-me,  
nem que seja só por isso!  
Ressuscita-me!  
Quero viver até o fim o que me cabe!  
Para que o amor não seja mais escravo  
de casamentos,  
concupiscência,  
salários.  
Para que, maldizendo os leitos,  
saltando dos coxins,  
o amor se vá pelo universo inteiro.  
Para que o dia,  
que o sofrimento degrada,  
não vos seja chorado, mendigado.  
E que, ao primeiro apelo:  
- Camaradas!  
Atenta se volte a terra inteira.  
Para viver  
livre dos nichos das casas.  
Para que doravante  
a família seja

o pai,  
pelo menos o Universo;  
a mãe,  
pelo menos a Terra.



[http://groups-beta.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros)

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>